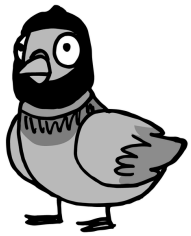
NÚMERO 27 23 NOV. 2026

A PASSARADA



JORNAL AUTÓNOMO DA ACAMPADA

A CHUVA AO SERVIÇO DA ORDEM

No sábado passado, anunciava-se uma possível nova explosão de força no movimento. Apesar das dificuldades trazidas pela desmontagem da acampada no Rossio, a manifestação do dia 14 da Casa para Viver tinha sido vigorosa e rompido com alguns dos moldes que nos habituámos a ver neste tipo de marchas. E o regresso das tendas, desta vez nos Restauradores, embora tímido, tinha-se consolidado. A confluência da acampada com a manifestação da CGTP no dia 21, as ameaças da polícia de que iria impedir a aproximação da manifestação à Assembleia da República, os sussurros de ocupações — tudo isso criava uma expectativa de caos, com vários ingredientes para algo explosivo. Mas o mito e a realidade nem sempre estão alinhados, e a chuva torrencial levou com ela a torrente dos nossos desejos mais acesos.

A manifestação foi ok. Ainda houve alguns momentos de tensão quando a polícia tentou, de forma atabalhoada, impedir que o bloco da acampada passasse para o Rossio e seguisse depois para a Assembleia da República. Fez-se barulho junto ao Mercado de Natal. Mas, após o cortejo pelas ruas estreitas do Chiado a S. Bento, chegou-se ao destino sem qualquer ponta de conflito no ar.

A chuva, sem dúvida, esteve ao serviço dos agentes da ordem. Podemos dizer também que o plano original era talvez um pouco complexo demais, afastando algumas pessoas. Mas algo que sobressai é que a suposta unidade estava um bocado colada com cuspo. Afinal de contas, os próprios planos para o que era suposto acontecer em S. Bento também não estavam completamente alinhados. Não fora o temporal, talvez uma adesão em massa se tivesse sobreposto a qualquer desejo sectário preexistente; mas, à falta de gente, essa divisão veio ao de cima. E aquilo de que falamos está intimamente ligado a algumas das conversas que surgiram nos últimos dias. Muito se falava da necessidade de cadernos reivindicativos e de objetivos políticos alcançáveis. E esse pensamento foi, certamente, aquilo que levou alguns à Assembleia da República, numa lógica de pressão para o chumbo do Orçamento do Estado. Mas nem todos os que apontaram a mira a S. Bento obedecem a esta lógica.

Na discussão sobre a necessidade de objetivos alcançáveis, descrevem-se alguns setores do movimento como inconsequentes por virarem a cara às instituições e se recusarem a negociar com governos, em vez de procurarem vitórias concretas que possam mudar o dia a dia das pessoas. Contudo, é ingénuo pensar que essa mediação com o poder político pode operar sozinha. A força irredutível do confronto que se faz nas ruas é um ingrediente fundamental de qualquer horizonte de vitória institucional à esquerda. Afinal, aquilo que catapultou a acampada e a crise da habitação para o centro do debate público não foi a existência de um manifesto político com o qual toda a gente se identificou, nem o discurso particularmente inspirador de um deputado. Foi a transformação do conflito latente entre o capital e o povo — aquele conflito que se esconde todos os dias na exploração laboral, na alienação, na violência de uma existência subjugada ao lucro — num facto objetivo, com nódoas negras, cabeças partidas e a destruição de um espaço que, horas antes, era de júbilo e comunidade.

Foi a materialização deste conflito num campo de batalha literal que catapultou as reivindicações concretas sobre habitação para o centro do debate público. Apesar disso, alguns dos mais alinhados com este tipo de estratégia institucional preferiram ficar a acampar no Jardim de S. Bento, evitando qualquer potencial conflito, a desafiar as ordens da polícia acampando no meio da estrada. Esta história tende a repetir-se e, portanto, torna-se relevante relembrar: quando se esforçam demasiado por domar a fera, arriscam-se a que ela se transforme num tigre de papel.

Mas esta ideia — que é mais ou menos o senso comum — de que a força das ruas serve para auxiliar potenciais vitórias institucionais não é a única abordagem possível. É importante perceber que, para além de esta ter sido, nas últimas décadas, a proposta de uma esquerda que tem perdido cada vez mais terreno, o panorama atual parece tornar essas pequenas vitórias cada vez mais difíceis de atingir e empurra-nos para o ponto em que defendemos as mais ínfimas migalhas daquilo que o capital ainda nos permite manter. Nesse plano, a rutura com as instituições deixa de se apresentar como inconsequente e pode passar a ser o único caminho que faz sentido.

Voltando à Assembleia da República: a nossa falta de interesse em negociar com governos ao serviço da gestão de um sistema em colapso não significa que não possa haver interesse em deslocarmo-nos ao centro do poder deles. No fundo, a estratégia não é algo que possa ser arrumado em pequenas caixas, em que algumas formas só servem a reforma e outras são puramente revolucionárias. Portanto, se um Orçamento do Estado pode ser um gancho estratégico de conflito, não é por assumirmos os limites das vitórias institucionais que vamos deixar de o aproveitar. Mas a nossa abordagem deve ser tudo menos leniente. Em vez de nos subjugarmos à ideia do «político» como algo que tem de ser digerível para as «pessoas» e que só é feito nas galerias do poder, podemos reclamá-lo como algo que nos cabe a nós fazer e admitir que, ainda que nem todas as nossas ações ou afirmações tenham de passar no teste da radicalidade pura, as «pessoas» não são flores de estufa.

Nas batalhas que se seguirem, importa manter esta distinção em mente e talvez desafiar um pouco mais a ideia de que seremos salvos por cadernos reivindicativos e formas de luta «aceitáveis». É urgente pôr em causa o realismo e abrir os horizontes do possível.

RELATO DE UM DIA ONDE ERA SUPOSTO TUDO ACONTECER

Como trabalhei nesse dia, só consegui juntar-me à manif pelas 16h. Também não estava com pressa: o percurso completo era muito longo e os rumores diziam que, se houvesse estrilho, seria junto à Assembleia da República. A bófia tinha dito que não podíamos protestar a menos de 100 m dos órgãos de soberania. Não percebo isso; sempre se fizeram manifs em São Bento. Quando vi os quispos pretos, percebi que tinha chegado. O bloco da acampada estava em grande confusão, todos espalhados e a andar muito rápido. Um companheiro comentou que nunca tinha visto um protesto a passo tão veloz. Não conseguia ver se havia muita gente lá à frente, com a CGTP.
À entrada dos Restauradores, uns homens tapavam a passagem e explicavam que a praça estava muito cheia. Perguntámos se eram polícia, e um deles mostrou o cartão do sindicato. Fizemos-lhe o favor e fomos por outro caminho. Parecia que a polícia ia fechar o Rossio, por isso acelerámos. À nossa frente, bófias e os seus carros andavam às voltas numa grande confusão. Um agente tentou fazer um cordão sozinho e foi ignorado pelos colegas. Pareceu que não quiseram ter uma intervenção agressiva à vista do mercadinho. Entrámos na praça em grande chavascal: tambores, trombones, vuvuzelas e apitos. Mais gente se ia juntando à marcha. Subimos para o Chiado. No Largo Camões, alguns diziam que éramos mil pessoas, mas ninguém tinha a certeza, porque não se via o fim da manif. Continuavam os rumores de que não nos deixariam entrar em São Bento, mas íamos avançando na mesma. "Achas que não conseguimos entrar na praça?", perguntei a quem estava ao meu lado. "Acho que conseguimos", respondeu.
Palavras de ordem, música das colunas e dos instrumentos misturavam-se. A energia estava alta.
Quando anoiteceu, lá para as seis, passávamos por uma rua estreita. Uma senhora na varanda tocava uma buzina de mão.
Quase a chegar à Assembleia da República, recomeçou o dilúvio. Ou São Pedro está contra nós, ou o governo descobriu uma tecnologia que controla a chuva. Ao entrarmos na praça, começou a tocar Justin Bieber e parou de chover. Um grupo de turistas de Super Bock na mão juntou-se à malta que dançava atrás da carrinha do som. Já havia menos manifestantes; o mau tempo e o cansaço começavam a pesar. Uma centopeia-fantoche percorreu a praça sob o aplauso entusiasta de todos. Encontrei um amigo estrangeiro que estava todo satisfeito com a acampada. Dizia que, em muitos aspetos, tinha sido uma grande aprendizagem. Depois falei com outra pessoa que se lamentava de a manif ter decorrido sem grandes tensões: "nunca acontece nada".
A praça fez silêncio para ouvir a orquestra. Nas margens, pequenos grupos discutiam os acontecimentos do dia e os próximos passos. O plenário de delegados decidiu passar ali a noite. Há agora duas acampadas na capital.